

Versões de um integralista: conversas com Gumercindo Rocha Dórea

Versions of an integralista: conversations with Gumercindo Rocha Dorea

Rodrigo Christofolletti

Unisantos

r.christofolletti@uol.com.br

Resumo: O ano de 1957 foi de comemorações para o integralismo. Celebraram-se os seus 25 anos de criação e a intelectualidade do partido debruçou-se sobre a história do movimento. Um intelectual, em especial, mereceu destaque: Gumercindo Rocha Dórea, um dos últimos militantes que manteve viva a memória das ações do integralismo em sua segunda incursão política nos anos 1950. Como correligionários do PRP, representante dos Águias Brancas e da Confederação Cultural da Juventude, Dórea tonou-se um interlocutor bastante significativo. Paralelamente às memórias políticas, Dórea também sinalizou que as comemorações das bodas de prata integralista, corolário da campanha de Plínio Salgado à presidência da República em 1955, constituíram-se na aparição mais efetiva do integralismo no pós-guerra. Serão esses tópicos analisados neste trabalho.

Palavras Chave: Gumercindo Rocha Dórea, Centro Cultural da Juventude, Edições GRD

Abstract: The year 1957 was the celebration for integralismo. Were celebrated its 25 years of establishment and the intelligentsia of the party focused on the history of the movement. An intellectual in particular deserve mention: Gumercindo Rocha Dorea, one of the last militants who kept alive the memory of the actions of integralismo in its second foray into politics in the 1950s. As supporters of the PRP, a representative of the White Eagles and the Confederation of Youth Culture, Dorea became a very significant partner. Alongside the political memoirs, Dorea also indicated that the silver anniversary celebrations of integralismo, a corollary of Plinio campaign for the presidency in 1955, constituted the most effective appearance of integralismo in post-war. These topics will be discussed in this work.

Keywords: Gumercindo Rocha Dorea, Centro Cultural da Juventude, Edições GRD

Gumercindo Rocha Dórea, editor do jornal integralista A Marcha, além de proprietário das Edições GRD, especializada em publicações integralistas sempre foi um militante disciplinado. Em uma série de entrevistas concedidas para a realização de minha tese de doutorado pude perceber o quanto suas memórias se confundiam com a história que ele queria consolidar. É sobre essas questões referentes à suas memórias que este texto busca discorrer. Para tanto, seguirá alguns pontos elencados nas mais de 10 horas de gravação registradas.

Memórias sobrepostas: a Confederação dos Centros Culturais da Juventude e o Movimento dos Águias Brancas - transcendendo os limites da ação partidária

Para além da ação e penetração do jornal *A Marcha*, jornal em que Gumerindo foi chefe de redação, militantes como Dórea possuíam outras articulações que estendiam a sua força militante. Nesse sentido, mais que um grupo de aprendizes, cuja figura de Salgado sempre fora o espelho, os Centros Culturais da Juventude se notabilizaram por exprimirem uma articulada e independente postura política, a despeito da clara submissão aos preceitos doutrinários integralistas.

A esse respeito, em princípios 1953, Salgado enumerava suas “realizações” de 1952 como parte integrante de um plano articulado e global que visava a fundação da CCCJ; a instalação do Conselho Nacional de Estudos e Planos; o planejamento para lançar *A Marcha*, dentre outros pontos, que de acordo com Salgado seriam fundamentais para a reconsolidação do integralismo.¹ Então, a constituição da vasta estrutura necessária para a ampliação das perspectivas do integralismo se deu fundamentalmente entre 1952 e 1953 quando foram criados o jornal *A Marcha* e a Confederação dos Centros Culturais da Juventude, embora tenha se completado apenas em 1957, com a criação da União Operária e Camponesa do Brasil.²

Os Centros Culturais da Juventude, criados publicamente a partir de 1952, constituíram a mais vasta organização extrapartidária criada pelo integralismo entre 1945 e 1965. Os centros aglutinavam-se através da Confederação dos Centros Culturais da Juventude, e desenvolviam atividades como a promoção de comemorações cívicas e de palestras sobre assuntos doutrinários e políticos, a organização de grupos esportivos, o desenvolvimento de cursos de “comunologia”³ o lançamento de manifestos públicos, a edição de boletins, jornais e revistas, a promoção de peregrinações a lugares históricos e a realização de concentrações e congressos, além da disputa de entidades estudantis. A promoção de palestras e reuniões de estudos ocupava lugar central em suas atividades, contando inclusive

¹ Correspondência de Plínio Salgado a Olwaldo Sá, 17.2.1953 (APHRC-Pprp 17/02/53).

² A UOCB constitui mais uma das relevantes articulações extra- partidárias do integralismo dos anos 50. No entanto, nesta pesquisa não nos aprofundaremos na sua formação ou atuação. Para maiores informações ver: o item homônimo encontrado na tese de doutoramento de Gilberto Grassi Calil. Ver: CALIL, PP: 345-356.

³ Destaca-se o “Curso de Teoria e Prática de Antimarxismo”, ministrado por Hélio Rocha, no Centro de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais, do Rio de Janeiro. O curso se deu em cinco encontros, com o seguinte programa: A mais valia; Materialismo jurídico; O marxismo depois de Marx; As quatro internacionais; Prova Final. Calendário do CEPES. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 8/10/1954, p. 4.

com a participação de não-integralistas (como, por exemplo, o Gal. Eurico Gaspar Dutra), e até mesmo de ex-integralistas que abandonaram o movimento (dentre os quais Miguel Reale, Guerreiro Ramos e Roland Corbisier).

No depoimento de Sérgio Kautzman, um dos líderes do movimento, um “Centro Cultural” “consiste essencialmente num grupo de moços estudiosos que se reúnem a fim de estudarem os problemas sociais, econômicos ou culturais da Nação, preparando-se assim para serem úteis à Pátria, com capacidade e honestidade”.⁴ A perspectiva de formação de lideranças fica evidente no depoimento oral de Humberto Pergher⁵, ex-líder de um centro: “O objetivo dos Centros Culturais era despertar nos jovens o interesse em estudos nacionais, estudos brasileiros, e em especial dar-lhes um motivo para se dedicarem a algo mais sério, algo superior”, visando “formar os jovens dentro da orientação política do PRP”.⁶

Um relato das atividades do Centro Cultural da Juventude Tavares Bastos, de Maceió, publicado em *A Marcha*, é ilustrativo do funcionamento regular pretendido para os centros: o centro promovia reuniões semanais regulares, com cinco pontos de pauta: súmula da reunião anterior; noticiário nacional dos CCJs; comentário bibliográfico⁷; artigo do dia; e debate (político, econômico ou doutrinário). Para o desenvolvimento de cada tema haveria um responsável indicado (dois no caso do debate).⁸

A estruturação do movimento teve início em janeiro de 1953. Desde o lançamento da primeira edição do jornal *A Marcha*, em 20 de fevereiro de 1953, o movimento passou a contar com uma seção fixa naquele jornal, denominada “Ergue-te mocidade”, ocupando, na maioria das edições, uma página inteira. No mês seguinte foi lançado o “Manifesto à Mocidade Brasileira”, enunciando treze princípios, dentre os quais a defesa do espiritualismo, da família, do nacionalismo e da “democracia orgânica”, e tendo como signatários 19 centros

⁴ KAUTZMAN, Sérgio. Centros Culturais da Juventude. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 20/2/1953, p. 3.

⁵ Em entrevista respondida via e-mail em novembro de 2008 Pergher asseverou: “Os Centros Culturais chegaram a dotar-se de forças independentes do PRP (...) tanto que causou uma ciúmeira danada nos mais ortodoxos, que viam no discurso político e não cultural a sobrevivência do integralismo daquela época” Depoimento de Humberto Pergher. Porto Alegre, 23/11/2008. Enviado por e-mail em 24/11/2008. Aliás, este é um elemento bastante peculiar, pois além de Pergher ser um dos únicos integralistas vinculados ao PRP ainda vivo, é também o único que se adaptou às novas demandas tecnológicas vigentes. Todas as nossas conversas foram estabelecidas por meio eletrônico.

⁶ CALIL, Gilberto, SILVA, Carla Luciana & BATISTA, Neusa. *Depoimento de Umberto Pergher*. Porto Alegre, CDAIBPRP, 1998, p. 18.

⁷ A Enciclopédia do Integralismo tornou-se bibliografia obrigatória nas leituras e discussões dentro dos CCCJ. Como lembraria GRD: “A EI era a mola mestra pra todas as nossas discussões entre 1957 e 1959”. Depoimento de Gumercindo R. Dórea, 23/11/2008.

⁸ Centro Cultural da Juventude Tavares Bastos – Maceió. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 23.7.1954, p. 10.

culturais já então em funcionamento.⁹

De acordo com A Marcha, os Estatutos da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) foram registrados ainda em 1952, antes de iniciar a estruturação efetiva do movimento. Segundo os estatutos, a CCCJ tinha as seguintes finalidades:

- a) congregar, coordenar e orientar as atividades intelectuais, assistenciais, cívicas, educativas, desportivas e recreativas dos Centros, Grêmios, Associações Cívicas, Clubes e outras organizações congêneres no país e que, por deliberação dos seus consócios, se integrem na Sociedade por ora fundada;
- b) definir-se perante os problemas vitais da Nação e dos movimentos de opinião pública;
- c) manter biblioteca modelo, que mensalmente publique boletim educativo de obras nacionais e estrangeiras (...);
- d) manter secretaria com serviço de informações e resposta a consultas (...);
- e) promover periodicamente congressos em que se debatam teses relativas a problemas nacionais e humanos e referentes à organização e orientação das agremiações confederadas;
- f) promover comemorações de datas nacionais, homenagem a personalidades de nosso passado histórico, cursos, conferências e outras atividades culturais e cívicas;
- g) providenciar, sempre que haja pedidos das entidades confederadas, no sentido de enviar oradores ou conferencistas às localidades de onde forem solicitados;
- h) publicar revista de cultura (...);
- l) manter, desde já, num dos jornais da capital brasileira, seção doutrinária e informativa.¹⁰

Os Estatutos definiam ainda as bases doutrinárias do movimento, em termos praticamente idênticos aos da Carta de Princípios do PRP, e claramente expressivas da doutrina integralista:

Conceito espiritualista da existência humana; crença em Deus (...); intangibilidade da pessoa humana (...); liberdade do Homem e autonomia dos Grupos Naturais (...); restauração dos valores morais e hierarquização do homem [sic], segundo suas virtudes e funções (...); concepção cristã da Família, do Trabalho, da Economia, da Cultura, da Sociedade, do Município, da Nação e do Estado; concepção do Nacionalismo como diferenciação dos grupos humanos (...); culto das tradições brasileiras, como condição da existência nacional; defesa da Unidade Nacional Brasileira, da Independência, da Soberania e da Pátria; formação de uma consciência das

⁹ Manifesto à Mocidade Brasileira, *A Marcha*, Rio de Janeiro, 27.2.53, p. 5 (CDAIBPRP).

¹⁰ ESTATUTOS da Confederação dos Centros Culturais da Juventude. Rio de Janeiro: s./ed, 1952 (CDAIBPRP), p. 3-4.

realidades nacionais alicerçada no Cristianismo e na Brasilidade; concepção de uma Democracia Orgânica (...) revolução espiritual (...) unidade cultural do país (...) criação do espírito de luta pelos nobre e elevados ideais, em contraposição à apatia, à inércia, ao desinteresse que dominam os corações numa época de grosseiro materialismo.¹¹

Durante seu II Congresso Nacional, a CCCJ indicou cinco finalidades para as quais teria sido criada:

A CCCJ nasceu em uma época relativamente próxima, porém profundamente marcada pelos reflexos econômicos e ideológicos da segunda guerra mundial. Ao surgir, tentou contrabalançar, no seio da Juventude brasileira, o seguinte:

- 1º) o clima comunizante que a pseudo-ingenuidade de Roosevelt e a malícia comunista criaram no pós-guerra;
- 2º) a indiferença e oportunismo de nossas elites políticas que exploravam tal situação;
- 3º) o descrédito a que a propaganda russo-americana levou os movimentos nacionalistas;
- 4º) a vacilação de determinados círculos cristãos que defendiam a política da mão estendida além do limite da guerra antinazista;
- 5º) o clima de descrença das massas nos dirigentes e a vacilação destes ante a crise nacional

Tudo isso procurando dar à Juventude um sentido de vida nacionalista e cristã, para enfrentar a crise e conseqüentemente construir um futuro nacional condizente com nossas realidades.¹²

A Diretoria da CCCJ era composta por cinco membros, e, para estabelecer de forma ainda mais clara o vínculo com o integralismo, foi criada a figura do “Presidente de Honra”, que segundo os estatutos, “será perpétuo e aclamado no 1º Congresso de Centros Culturais da Juventude”.¹³ Como já era esperado, o Presidente de Honra escolhido foi Plínio Salgado. Os Estatutos definiam duas condições para a filiação de centros à CCCJ: o registro dos Estatutos em cartório, e a apresentação de “documentos provando não contarem em seu seio com elementos ateus, comunistas, adeptos do socialismo de estado ou de doutrinas racistas, totalitárias, anarquistas ou quaisquer outras anticristãs ou contrárias à tradição da Pátria

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 4-5.

¹² Sentido do II Congresso Nacional de Centros Culturais da Juventude. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 21/1/1955, p. 5.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 9.

Brasileira”.¹⁴ Em 1957, uma reforma nos estatutos criou federações regionais e instituiu uma forma de eleição indireta para a diretoria nacional, claramente inspirada no corporativismo, que voltava a ser defendido abertamente pelo integralismo naquele ano:

A Diretoria é eleita de dois em dois anos, da seguinte maneira: Os Presidentes dos Centros Culturais filiados elegem a Diretoria da Federação a que estão agremiados, seis meses antes da eleição da Diretoria da CCCJ; Os Presidentes das Federações reúnem-se, de dois em dois anos, no mínimo 30 dias antes do término do mandato da diretoria nacional, elegendo os novos dirigentes da CCCJ, cujo mandato será de dois anos. Para a eleição da Diretoria da CCCJ será adotado o seguinte critério: a) As Federações terão um voto para cada série de 10 Centros Culturais sob sua Jurisdição; b) Para as regiões onde não estiver constituída a Federação, os Centros Culturais existentes elegerão um representante com direito a um voto.¹⁵

Foram criadas, então, seis federações regionais: Amazônia, Nordeste, São Francisco, Minas Gerais, Centro Oeste e Sul.¹⁶ No ano seguinte, foi formada a “Câmara dos Líderes Águia Brancas”, composta por 30 membros, oriundos de 11 estados.¹⁷ Ainda em termos organizativos, a CCCJ passou a contar, em 1959, com cinco secretarias nacionais a Secretaria de Doutrina e Estudos (responsável pela publicação da Revista *Águia Branca*), a Secretaria de Assistência (responsável pela arrecadação financeira), a Secretaria de Cultura Artística, a Secretaria de Cultura Cívica e Física, e a Secretaria de Propaganda.¹⁸

No lançamento da revista *Águia Branca*¹⁹ órgão oficial da CCCJ, as finalidades da Confederação eram apresentadas:

Surgida na união de vários centros culturais, tem a Confederação uma situação de cúpula do movimento nacional e que visa coordenar as atividades das entidades filiadas em suas iniciativas assistenciais,

¹⁴ Idem, ibidem, p. 14.

¹⁵ Plínio Salgado aos águias brancas em São Paulo. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 9/8/1967, p. 4.

¹⁶ Congresso de Líderes Águias Brancas, *A Marcha*, Rio de Janeiro, 5/7/1957, p. 5.

¹⁷ Ergue-se a Juventude Integralista na plenitude do seu destino histórico. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 13.2.1958, p. 5.

¹⁸ Para atingir o Estado Integral, estrutura-se organicamente o Movimento dos Águias Brancas. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 14/8/1959, p. 4.

¹⁹ Os jovens integralistas militantes dos centros culturais passaram a se designar como “Águias Brancas”, como contraposição à designação jocosa de “galinhas verdes” pela qual eram chamados por seus adversários. A revista foi lançada em janeiro de 1956, e tinha 64 páginas e periodicidade trimestral, reunindo artigos doutrinários de líderes da juventude integralista, de Plínio Salgado e outros integralistas. Seus artigos tratavam de temas doutrinários e culturais. No primeiro número, por exemplo, havia um artigo de Salgado sobre a poesia de Ulisses, um artigo do poeta integralista Tasso da Silveira sobre o teatro simbolista, um artigo sociológico de Karl Mannheim, além de seção literária, de relato das atividades dos centros e de poesias.

intelectuais, cívicas, educativas, desportivas e recreativas, procurando sempre dar a todas elas o sentido de uma unidade nacional de ação comum, que as identifica como um todo. A força da entidade máxima deriva dos Congressos anuais desses Centros e deles emanam seus poderes e sua orientação geral. Sua base econômica situa-se nas entidades-partes, por contribuições mensais, assim como estas têm seus recursos hauridos das contribuições dos sócios efetivos e mantenedores.²⁰

Em 1954, uma concentração preparatória ao II Congresso Nacional da CCCJ teria tido mais de 600 delegados,²¹ representando 107 centros culturais,²² e reunido mais de 1.500 pessoas em sua sessão de encerramento.²³ Em outros momentos, os “águias brancas” voltaram a assumir posições mais “radicais”. Em entrevista concedida no ano de 1957, Salgado reconhecia a formação de uma dissidência na “Ala Moça”, pois “esses jovens são contrários a todas as candidaturas, por entenderem que o PRP deveria marchar sozinho. (...) Não acreditam mais os jovens nas soluções dos problemas através dos partidos, considerando estes como instrumentos inadequados aos tempos modernos, para captar a verdadeira opinião que só se expressa através das categorias profissionais”.²⁴ No Rio Grande do Sul, por exemplo, o movimento de juventude mudou de denominação, passando a designar-se como Movimento da Mocidade Integralista.²⁵

²⁰ LOPES, Paulo de Moraes. O que é o movimento dos Águias Brancas. *Águia Branca*: órgão da CCCJ, Rio de Janeiro, n. 1, jan. 1956, p. 3 (APHRC-FPS 142.003).

²¹ Em carta, Salgado afirmava: “Esperei 300 rapazes e moças de todo o Brasil, e vieram 635”. Correspondência de Plínio Salgado a Zaninoto, 28/03/1954 (APHRC-Pprp 28.3.54/16). Às vésperas do congresso, Salgado enviou cartas a líderes integralistas de todos os estados, visando a viabilização da viagem dos “águias brancas”: “Eu preciso da sua colaboração no sentido de promover aí uma campanha financeira para obtenção de fundos para as despesas de viagem do maior número de rapazes. Todas as mais despesas (hospedagem, imprensa, jornais cinematográficos, bandas de música, escudos e flâmulas, etc.) correrão por conta da Confederação, ficando, como disse acima, apenas as viagens dos rapazes por conta dos meus amigos nos Estados, os quais poderão recorrer a elementos do comércio, da indústria, dos bancos, etc.” Correspondência de Plínio Salgado a Arno Arnt, 3/02/1954 (APHRC-Pprp 03.02.1954/3). Salgado enviou uma carta para cada estado, todas elas idênticas.

²² Delegações presentes à Concentração de São Paulo. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 26/3/1954, p. 14. As maiores delegações eram as de São Paulo (35 centros), Minas Gerais (21), Rio Grande do Sul (9), Paraná (9), Ceará (5), Bahia (4) e Amazonas (4). Já o Congresso do CCCJ na Região Nordeste, ocorrido em 1958, reuniu 27 centros (15 de Pernambuco, oito do Ceará, dois da Paraíba, um do Piauí e um do Rio Grande do Norte). O PRP não apoiará candidato a governador ou a Senador que não se declare contrário ao reatamento das relações diplomáticas ou comerciais com a Rússia Soviética. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 16/1/1958, p. 9.

²³ Impressionante manifestação da juventude nacionalista de São Paulo. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 19/3/1954, p. 1 e 11.

²⁴ Entrevista de Plínio Salgado em 23/2/1957 – Original datilografado. (APHRC-FPS – 011.005.005).

²⁵ De acordo com Umberto Pergher, “os Centros Culturais haviam praticamente fracassado aqui no Rio Grande do Sul. Um dos motivos, inclusive aqui no estado, para que tenha fracassado foi que logo surgiu a conotação: os jovens esses, eram ‘águias brancas’ que chamavam, na verdade não são ‘águias brancas’, são ‘galinhas verdes’ [risos]”. São integralistas! E então até ficar explicando que não era integralista, perdia-se muito tempo. Então nós fomos organizar um outro movimento chamado da Juventude Integralista: daí não tem que dar explicações do que é ou não é, somos e está terminado!” CALIL, SILVA & BATISTA, *Depoimento de Umberto Pergher*, op. cit., p. 30-31.

Os centros culturais eram nomeados homenageando indivíduos tidos pelos integralistas como “heróis pátrios”, alguns deles reivindicados por vários centros culturais. De acordo com Salgado, “cada uma dessas associações escolhe um patrono entre os grandes mortos que continuam a ser os grandes vivos a animar os jovens no sentido de formarem uma cultura preparando-se para, daqui a alguns anos, assumirem as responsabilidades do governo da Nação”.²⁶ Os patronos mais reivindicados, dentre os centros que localizamos, foram Rui Barbosa (10 centros), Oliveira Viana (7), Pe. José de Anchieta (7), Euclides da Cunha (5), Barão do Rio Branco (5), Alberto Torres (4), Farias Brito (4), Jackson de Figueiredo (4), Machado de Assis (4), Paulo Setúbal (4), Tiradentes (4), Fagundes Varela (3), Joaquim Nabuco (3), José de Alencar (3), Leonel Franca (3), Olavo Bilac (3), Pandiá Calogeras (3). Alguns centros não adotaram patronos, mas assumiram nomes próprios, como “Patrulha Nacional Cristã” (Maceió); “Cruzada Estudantil Anticomunista” (Recife); Movimento Estudantil Patriótico (Belém); Frente Nacionalista Cristã (Crato); e Movimento da Mocidade Integralista (Porto Alegre).

As relações no interior da CCCJ não foram sempre tranqüilas, tendo havido fortes disputas pela sua direção. Em fevereiro de 1955, nove “águias brancas” foram expulsos do movimento. Dentre eles se incluíam três dos principais líderes do movimento:

A Diretoria da Confederação dos Centros Culturais da Juventude vem, pela presente, tornar público:

I – Que no decorrer do II Congresso Nacional dos Centros Culturais da Juventude (...) constatou-se a existência de *elementos moralmente indesejáveis* no seio do Movimento dos Águias Brancas;

II – Que, por este motivo, ao encerrar-se o mesmo Congresso, foram considerados expulsos, pelo motivo acima referido, os seguintes elementos: Sergio Kautzmann, Ivo R. de Andrade e Germano Machado;

III – Que, em reunião da Diretoria da CCCJ, foram, oficialmente desligados os elementos supra indicados, tendo em vista, ainda, o *ato divisionista que os mesmo praticaram* e vem divulgando, através da imprensa e de circular enviada aos Centros Confederados;

IV – Que, por *indisciplina*, foram desligados também os seguintes jovens, que se mostraram incapazes de se afirmar como águias brancas: José Luis Cerqueira de Lima Rocha, José Irmes Gottlieb, Ruy Barbosa Evangelista, Pedro Ponde, Silvio Neto Jr. e Aroldo de Almeida Doria

V – Que fica, assim, reduzida a propalada “cisão” dos Águias Brancas, ao que realmente aconteceu, isto é: expulsão de *elementos indignos* de desfaldarem qualquer bandeira e que vinham ludibriando a boa fé dos que neles acreditaram existir formação moral e dignidade pessoal, assim como de jovens indisciplinados.

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1955, Gumercindo Rocha Dorea

²⁶ SALGADO, Plínio. O Brasil existe. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 2/10/1953, p. 3.

(Presidente).²⁷

Existem poucas informações sobre o número de centros existentes, e os números publicados em *A Marcha* devem ser tomados com precaução, pois o jornal muitas vezes exagerava para ressaltar a expansão do movimento. Em setembro de 1953 o jornal afirmava já existirem “mais de 200 centros filiados à Confederação”,²⁸ número que teria chegado a 452 em julho de 1954²⁹ e teria ultrapassado 500 centros em outubro do mesmo ano, reunindo aproximadamente 40.000 jovens.³⁰ No entanto, pesquisando nas matérias publicadas relativas à CCCJ entre 1953 e 1965 em *A Marcha*, além de outros documentos, encontramos referências relativas a 320 centros.³¹ Em decorrência das disputas internas sobre a liderança dos CCCJ, em 1956, uma série de artigos publicados por Gumercindo Rocha Dórea, então presidente da CCCJ, defendia uma estratégia agressiva para recuperar as bandeiras integralistas, que estariam sendo apropriadas pelos seus adversários:

Todos os homens, gerações de ontem e de hoje, militantes na vida pública, tendo como base o pensamento integralista, sentem no íntimo de seu próprio ser o convite para uma resistência moral e política contra o roubo ostensivo que se vem fazendo no ideário lançado por Plínio Salgado e difundido em todo o Brasil, roubo este que vem sendo impunemente realizado – sem uma voz de protesto! – por parte dos homens públicos regularmente eleitos. (...) Muitas são as nossas bandeiras, atualmente transportadas por mãos que jamais se levantaram algum dia para sustentá-las: o Municipalismo, a reforma urgente da legislação trabalhista, a criação de uma consciência das classes sociais – estabelecendo –lhes os limites dos seus deveres e direitos –, o Sindicalismo, a Formação Espiritual dos que têm a missão sagrada de dirigir, a reforma agrária, o petróleo e sua exploração, e, por fim, a bandeira contra o comunismo, que, por incrível que pareça, nos foi tirada por antigos soldados de Moscou, hoje arremedados de soldados da democracia, embora realizando todos os planos de insurreição social ensinada nos manuais do Partido Comunista.³²

Para Rocha Dórea, esta recuperação só seria possível através da “reintegração no pensamento integralista”, ou seja, a “total integração de seus membros na ideologia e na vida

²⁷ CCCJ: Nota Oficial nº 9. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 16/2/1955, p. 1. Não foi possível conhecer os reais motivos da cisão e sua repercussão no movimento.

²⁸ A gravidade da situação nacional. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 25/9/1953, p. 1 e 9.

²⁹ Telegramas de protesto. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 30/7/1954, p. 1 e 2.

³⁰ Segundo aniversário da Confederação dos Centros Culturais da Juventude. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 22/10/1954, p. 1 e 10.

³¹ Gumercindo Rocha Dórea (sic) atesta terem existido mais de 500 espalhados por todo o país.

³² DOREA, Gumercindo Rocha. Recuperação de nossas bandeiras. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 3/2/1956, p. 2. Apud CALIL, op. Cit, p.321.

prática”, o que afastaria aqueles que “se homiziam sobre esta bandeira, apenas com objetivos de garantir posições individuais ou de solidificar posições políticas”.³³ Mesmo assim, *A Marcha* buscava conter os mais radicais, qualificando como megalomaniacos os militantes que criticavam a política parlamentar do partido e pretendiam “reviver a AIB no interior do PRP”:

Se os líderes do PRP na Câmara Federal proclamam discursos e definem rumos políticos ao partido, por certo que o companheiro-parlamentar, se assim o fez, foi em consonância com o Chefe. Enquanto Plínio Salgado julgar conveniente ninguém tem o direito de bancar o megalomaniaco. Logo, se alguma coisa de absurdo e de incoerente se registrasse na conduta dos nossos companheiros, caberia, tão somente, ao Chefe, julgar. Por conseguinte, convém que nossos companheiros desajustados, saibam que constitui mórbida megalomania “querer ser mais realista que o próprio Rei”.³⁴

A criação da Câmara dos Águias Brancas: *quixotes* ou *sanchos* do processo doutrinal-ideológico integralista?

Após cinco anos de atuação das centenas de Centros Culturais da Juventude, a confirmação de um grupo honorário de novos participantes ajudou a fortalecer ainda mais a militância integralista. Na solenidade de encerramento do Jubileu de Prata da Primeira Marcha Integralista (evento ocorrido em 1958 e descrito anteriormente)³⁵, constituiu-se a *Câmara dos Águias Brancas*³⁶, um conjunto que congregava 30 representantes do novo Conselho Diretivo Integralista de 1958. A Câmara dos 30 Águias Brancas - cargo honorífico integralista - nasceu como um corpo auxiliar da cúpula perrepista. Era constituída dos seguintes nomes: Loris Vilas Boas (Belém -PA), Gaspar Brígido (Fortaleza- CE), Rosa Maria Sales de Mello (Recife- PE), Wanillo Galvão Barros (Maceió- AL), José Penedo (Itabuna – BA), Aníbal Teixeira de Souza (DF), Walter Povoleri Ferreira(DF), José Lucena Dantas(DF),

³³ DOREA, Gumercindo Rocha. Reintegração no pensamento integralista. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 20/4/1956, p. 3.

³⁴ Megalomania e megalomaniacos. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 25/5/1956, p. 3.

³⁵ Não confundir com o jubileu de prata do movimento, comemorado em 1957.

³⁶ Os Águias Brancas já haviam sido criados desde 1952, juntamente com os Centros Culturais da Juventude. Seu primeiro congresso se deu na cidade de São Paulo, com a presença de mais de 600 jovens. Fonte: SALGADO, P. Entrevista à revista *O Cruzeiro*. 10/4/1954, p.11-12.

, João André de Lima Porto(DF), Lelis Ferreira Chaves(DF), José Carlos Rocha (Niterói- RJ), José Maria Rodrigues Bastos(SP), José Batista de Carvalho(SP), Alfredo Augusto Rabelo Leite(SP), Therezinha Mansur (Campinas-SP), Antônio Reis Vilalobos (Ribeirão Preto-SP), Orlando Antônio Mendonça (Campinas-SP), Luis Domingues (BH–MG), Honório Silveira Neto(BH-MG), Heloísa Guimarães(BH–MG), Ubiratan de Macedo (Curitiba –PR), Airton Luiz Batista (Curitiba-PR), Walter Trinca (SJRP-SP), Sérgio Ferrari (PoA-RS). Também integravam o grupo: Hélio Rocha (Salvador-BA), Edgard Rocha (DF), Gumercindo Rocha Dórea (DF) Leovegildo Pereira Ramos (SP), Carmem Pinheiro Dias (SP) e Umberto Perger (PoA-RS). Seis *águias brancas* que participaram da publicação da Enciclopédia do Integralismo, a partir de 1957.

João Carlos Fairbanks, integralista da primeira geração, relembra a criação dos Águias Brancas:

Uma e outra – o oásis e as águas cristalinas – vim encontrá-los em 1931, donde surgia a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e a Ação Integralista Brasileira... Eis um depoimento de um dos homens da geração anterior de 32. Para bem interpretá-los e corrigi-los nos respectivos efeitos sociais e políticos, a fértil imaginação de Plínio Salgado criou os ‘Águias Brancas’. Ao velho cabe incitar os jovens: quem não quiser figurar como urubu e assim naturalmente almejar o cadáver da Nação procure ser “Águia Branca”, procurando conduzir as vicissitudes da vida à estratosfera e à iosfera, por sobre as quais a tranqüila e sedativa luz dos raios cósmicos nos advertirá: *sic itur ad Astra*.³⁷

A composição do primeiro conselho dos 30 Águias não foi aleatória. Sua distribuição geográfica obedeceu ao critério de representatividade política. Assim, Estados que possuíssem maior número de filiados foram contemplados com indicações proporcionais. Logo, a região Sudeste foi a que mais cedeu membros para o Conselho, seguida das regiões Sul, Nordeste e Norte. Por outro lado, é significativo o registro de um número bastante reduzido de representantes femininas no Conselho: apenas quatro, duas paulistas, uma mineira e uma pernambucana, o que vem corroborar a tese de que a ascensão política feminina, principalmente no PRP, ainda caminhava em passos bastante lentos.

Entretanto, pode-se fazer uma leitura diversa da presença dessas quatro mulheres na constituição do Conselho de Águias Brancas. Simultaneamente às propagandas de jornal que

³⁷ FAIRBANKS, J.C. S.P. Um mês e 12 dias após as comemorações do Jubileu de Prata do movimento integralista. *Enciclopédia do Integralismo*, Vol. VI, ‘Estratos’. p- 177-178.

veiculavam a mulher como consumidora, cuja ação social não ultrapassava os limites domésticos, a presença destas quatro mulheres num órgão de representatividade política como o Conselho demonstra uma gradativa permeabilidade no pensamento integralista com relação à atuação política feminina.

Plínio Salgado, presidente de honra dos Centros Culturais da Juventude, e Aníbal Teixeira, presidente da Confederação Integralista³⁸, além de Leovegildo Pereira Ramos, representante da geração contemporânea, deram início ao chamamento dos 30 “apóstolos verdes”³⁹. Os integrantes da mais nova divisão integralista prestaram juramento à mesa constituinte do alto escalão do PRP, exaltando sua fidelidade:

Juro, perante Deus, minha honra e à Nação integralista, pugnar pelos princípios integralistas que consubstanciam a doutrina aceita e proclamada pelos Águias Brancas; estudá-la e conhecê-la em sua essência e consequência. Propagá-la pela juventude em todos os círculos da vida brasileira, abraçar e manter o sonho da vida e povo Brasileiros. Unirmo-nos aos demais Líderes pela grandeza de nossa Pátria.⁴⁰

Segundo Plínio Salgado, tanto os Centros Culturais da Juventude quanto a Câmara dos Águias Brancas eram constituídos de representantes que carregavam em si “uma mistura de Quixote e Sancho... um híbrido especial”⁴¹. De acordo com o líder integralista seus militantes eram “Quixotes porque sabiam que o mundo era governado por pessoas como Eles!”⁴². Já a grande imprensa sempre denominaria seus militantes como *sanchos*, ou coadjuvantes do processo político.

Conclusão

Tendo registrado mais de 300 centros por todo o país⁴³, os CCJ e os Águias Brancas

³⁸ A Confederação Integralista foi formada para dar suporte político à criação da Câmara dos Águias Brancas. Aníbal Teixeira assume a presidência da CCCJ após a gestão de Gumercindo R. Dórea.

³⁹ Designação provocativa, sistematicamente utilizada pelo jornal *Última Hora*, tanto de São Paulo, como do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

⁴⁰ Juramento publicado no jornal *A Marcha* de 1º de maio de 1958.

⁴¹ *A Marcha*, 24/4/1958, p. 5.

⁴² Idem.

⁴³ De acordo com a pesquisa realizada por Gilberto Calil.

notabilizaram-se por ser uma alternativa aos centros partidários já existentes. A administração dos embates junto aos partidários do PRP, em grande medida deu aos CCJ uma autonomia jamais vivenciada antes por nenhuma agremiação vinculada ao movimento. GRD relembra o que chamou de “dificuldades ultrapassadas”:

Não foi nada fácil criar os CCCJ (...) havia muitos perrepistas que não gostavam da gente, não queriam que houvesse dentro do PRP uma subdivisão cultural (...) “pra que cultura? Perguntavam alguns ornitorrincos, pois foi isso que se mostraram ser...! (...) então por aí vc vê que não foi mar de flores presidir e ajudar a criar mais de 500 centros (sic) por todo o Brasil (...) a minha sorte é que Plínio Salgado pensava como eu (...) quando eu levei a ele a idéia de criarmos o jornal A Marcha foi o mesmo entusiasmo (cultuar e política juntos) Este era o chefe, e esta é parte desta história dos CCCJ⁴⁴

Congregando milhares de jovens por todo o país, os CCJ foram, durante muito tempo, a aposta de Salgado no sentido de manter vivo nas novas gerações os ideais integralistas. Em entrevista a revista O Cruzeiro, em março de 1954, Salgado afirmou: “será esta a juventude que encabeçará o integralismo (...) a mesma juventude que, pela via da cultura e da política encabeçará o poder!”⁴⁵ Durante quase doze anos a esperança de Salgado permaneceu viva. No entanto, em 1965 a esperança foi malograda com o fechamento dos centros em todo o território nacional, corolário do desfalecimento do PRP por ordem do fechamento dos partidos em março de 1964, o que deixou Salgado, segundo suas próprias palavras: “mais decepcionado que a própria extinção do PRP”.⁴⁶ Obra de um conjunto que fez prolongar a vida útil do integralismo, a CCCJ ajudou na manutenção de preceitos que fizeram do integralismo tão contraditório quanto persuasivo. As sementes de muitos de seus frutos podem ser encontradas ainda hoje nos pequenos e desarticulados grupos culturais que vêem na figura do integralismo uma possibilidade de retomada nacionalista.

Centros privilegiados de pesquisa e divulgação do integralismo, os CCJ foram os mais representativos espaços de ação proselitista do integralismo dos anos 50, lugar em que os jovens militantes integralistas aprendiam sua doutrina.

⁴⁴ Depoimento de Gumercindo Rocha Dórea, São Paulo, 13/11/2008.

⁴⁵ Águias Brancas e o retorno do integralismo. **O Cruzeiro**, março de 1954.

⁴⁶ Balanço de minha vida. Perfis Parlamentares, 1972.

Referências

CALIL, Gilberto. O Integralismo no processo político brasileiro - A trajetória do Partido de Representação Popular (1945-1965) - Cães de guarda da ordem burguesa. Tese de doutorado. UFF – 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. As celebrações do Jubileu de Prata integralista (1957-1961). Dissertação de Mestrado. Unesp. Assis. 2001.